



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

01 de outubro 2013



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Opinião	Data: 01/10/2013
Assunto: Vandalismo		Página: 06

Notícias do Dia

Vandalismo

contra o bem público

Alunos e professores da E. E. Senador Renato Ramos da Silva, na Barra do Aririú, em Palhoça, ficaram consternados ontem quando, ao voltar às atividades após o fim de semana de folga, encontraram as dependências depredadas por vândalos que, suspeita-se, são ex-estudantes do estabelecimento. Pior ainda foi a iniciativa dos jovens de mexer na caixa d'água, onde teriam colocado substâncias capazes de causar mal-estar em quem consumir o líquido – ato que poderia ter consequências nefastas para muitas pessoas.

É sabido que hoje as escolas são o alvo preferido de arruaceiros e desocupados que se aproveitam da falta de mecanismos de controle para destruir o patrimônio público. A decisão do governo de substituir os guardas por sistemas de vigilância eletrônica, em muitos estabelecimentos, revelou ser contraproducente, porque a economia feita com pessoal é perdida nas reformas e consertos após os atos de vandalismo. Na Grande Florianópolis, todas as semanas há registros de ataques a escolas da rede estadual.

Mesmo quem assiste a essa situação de fora fica indignado com tamanha inversão de valores. Muitos desses jovens tiveram a chance de estudar e se tornar profissionais respeitados, mas parece que descontam na escola a inapetência para qualquer conduta de seriedade que deles se espera. Se a educação tem o dever de abrir as portas do mundo do conhecimento e da realização para as novas gerações, há quem despreze essa oportunidade, destruindo o que vê pela frente – e, pior, nas barbas da Polícia.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Notícias do Dia

Editoria: Região

Data: 01/10/2013

Assunto: Mal-estar e vandalismo na EE Senador Renato Ramos da Silveira

Página: 19

Notícias do Dia



EDUARDO VALENTE/ND

Barra do Aririú.
Vândalos jogaram tinta pelo chão, depois de quebrarem a porta da escola Senador Renato Ramos da Silveira

Alunos passam mal em escola

Às 19h, quando a vigilante Viviane Lavil, 26 anos, encerra o expediente, a Escola Estadual Senador Renato Ramos da Silva é invadida. E se antes, a diversão da garotada era pular o muro e andar de skate nas lajotas do pátio, agora é destruir as salas de aula. No fim de semana, oito salas foram depredadas, e a caixa d'água foi mexida. A hipótese é que a água tenha sido envenenada.

Na sala da 1ª Série, invadida no fim de semana, havia tintas

jogadas no chão, vidros estilhaçados e bonecas desmembradas. As crianças comovidas com a cena foram liberadas pela professora Dulce Helena Marques, mas não foram as únicas. Logo um novo alerta fez com que as aulas fossem canceladas até quarta-feira. Três crianças tiveram dor de estômago, possivelmente em consequência da violação da caixa d'água. A Vigilância Sanitária e o IGP (Instituto Geral de Perícia) recolheram amostras da água cujo

laudo fica pronta esta semana.

Apesar de a escola ficar num dos bairros de alta criminalidade de Palhoça, a Barra do Aririú, os problemas começaram neste ano, mas estão tão sem controle que a reforma feita em 2010 já não é notada. As paredes estão pichadas com o nome da banda de rap carioca Cone Crew, as vidraças quebradas são remediadas com tapumes e as portas remendadas com madeiras, os extintores de incêndio estão vazios. **(Aline Torres)**



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Notícias do Dia

Editoria: Região

Data: 01/10/2013

Assunto: Mal-estar e vandalismo na EE Senador Renato Ramos da Silveira

Página: 19

Notícias do Dia

Atos de vandalismo são recorrentes

Para evitar atraso no calendário letivo da escola, a Secretaria Estadual da Educação solicitou a limpeza e desinfecção do reservatório, que abastece 1.100 alunos e 50 funcionários. Enquanto isso, os bebedouros estão lacrados com fita e lona preta para evitar o consumo dos desavisados.

De acordo com o diretor da instituição, Renato Melo Tives, a solução é contratar vigilância noturna e aos finais de semana, já que a 16 câmeras de segurança não impedem os atos de vandalismo. A Secretaria de Educação não se posicionou sobre o pedido, mas antecipou que irá trabalhar em projetos e ações preventivas que tiveram êxito em outros casos.

As últimas imagens nítidas das câmeras identificam 13 menores, quase todos ex-alunos da Renato Ramos da Silva, arrancando portas para transformá-las em obstáculos para o skate. Desde janeiro, quatro boletins de ocorrência foram registrados, sem solução. E nem o posto da Polícia Militar, na esquina da instituição, intimida a violência.

A professora Dulce Helena Marques fez um desabafo emocionado à reportagem da RICTV. "A situação está sem controle, porque aqueles que estamos tentando educar são os que invadem, entram, e fazem isto com a escola".



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Folha de São Paulo

Editoria: cotidiano

Data: 01/10/2013

Assunto: Escolher a escola

Página: C2

EM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL * * * WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S. PAULO

Escolher a escola

ROSELY SAYÃO

AGORA É a época em que muitos pais estão avaliando diversas escolas para transferir o filho no próximo ano; alguns farão isso por necessidade, outros por desgosto com a escola atual e outros ainda porque vão matricular a criança pela primeira vez em uma escola.

É neste momento, também, que a imprensa investe em reportagens sobre como escolher a melhor escola para o filho, quase sempre com dicas de métodos pedagógicos mais frequentemente praticados, com análise de diversos estilos de escola ou apontando critérios já bem conhecidos, como a colocação em rankings, por exemplo.

Todo ano muitos pais recorrem a mim, na esperança de conseguir algumas pistas que os ajudem a fazer a melhor escolha possível. Todo esse empenho dos pais é compreensível: hoje, a sociedade considera a escola o instrumento mais impor-

tante no preparo dos mais novos para o futuro. Tenha ela ou não condições de honrar tal função, o fato é que os pais têm acreditado nisso e tentado, sempre que podem, fazer uma boa escolha.

Ano após ano, as questões que os pais me trazem são muito semelhantes e se repetem. Este ano, entretanto, tenho recebido algumas bem diferentes. Por exemplo: há pais que querem saber se é bom ou não a escola passar bastante lição para ser feita em casa e se o uso do uniforme escolar é um fato importante para os alunos, e até quando; há os que querem saber se o melhor é a escola fornecer lanche

COLONISTAS DESTA SEMANA segunda: **Leão Serva**; terça: **Rosely Sayão**; quarta: **Franci**



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Os pais têm pensado em tudo: se é bom ter muita lição de casa e se é importante usar uniforme escolar

ou o aluno levar de casa e quanto tempo deve ter o intervalo do recreio e como ele deve ser.

Há, inclusive, pais que perguntam se crianças que frequentam os primeiros anos do ensino fundamental devem ser submetidas a provas e que querem saber o que significa, de fato, acompanhar a vida escolar do filho.

Surpreendentemente, não recebi nenhuma questão a respeito de mé-

todos pedagógicos, de ranking, de espaço físico escolar, tampouco sobre material pedagógico. É: parece que os pais começam a pensar nos detalhes da educação escolar do filho, o que é uma boa notícia.

Primeiramente, é bom saber que não há resposta certa para nenhuma das questões que os pais consideram neste momento de escolha da escola para o filho. Mas tal escolha certamente irá refletir o que eles priorizam. E o positivo dessa mudança, que pode ser pequena mas que é significativa, é que os pais dão sinais de que não mais se ocupam com questões que outros dizem que eles devem se ocupar.

Agora, eles é que determinam o que é importante considerar. E, analisando as questões trazidas, os pais mostram que dão importância à convivência dos alunos na escola, que valorizam a cultura familiar e querem que ela seja respeitada.

Parece também que os pais não querem mais ver o filho ser massacrado pela exigência exagerada da escola em quantidade de conteúdos e avaliações e esperam que a instituição escolar saiba fundamentar de modo coerente suas práticas e as escolhas feitas.

Resta saber se as escolas irão se afetar com essa boa novidade porque são poucas as escolas que aceitam repensar seu modo tradicional de organização e trabalho educativo. Com tantas modificações que o mundo tem provocado, a escola parece ser uma das poucas instituições que permanece congelada no tempo.

quarta: **Walter Ceneviva**; quinta: **Pasquale Cipro Neto**; sexta: **Barbara Gancia**; sábado: **Walter Ceneviva**; domingo: **Antonio Prata**



Veículo: Revista Isto É

Editoria: Comportamento

Data: 01/10/2013

Assunto: O Maior problema da Educação do Brasil

Página: 52-56

ISTOÉ

Comportamento

ENSINO MÉDIO

O MAIOR PROBLEMA DA EDUCAÇÃO DO BRASIL

Metade dos jovens entre 15 e 17 anos não está matriculada no ensino médio. Pesquisa inédita mostra que a proporção dos que abandonaram a escola nessa etapa saltou de 7,2% para 16,2% em 12 anos

João Loes

Não é sempre que apenas uma estatística basta para dar um bom panorama da realidade. O mais comum é que seja preciso esmiuçar diversos números e informações para realmente compreender o que está em jogo. Quem se debruça sobre o ensino médio brasileiro, porém, se depara com uma

única estatística que parece sintetizar, de forma clara, a desastrosa situação desta etapa da educação: a taxa de evasão escolar. Uma nova pesquisa da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), com base em informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE, revela que apenas metade dos jovens com idade entre 15 anos e 17 anos está matriculada no ensino médio.

Pior: entre 1999 e 2011, a taxa de evasão nesta faixa mais que dobrou, saltando de 7,2% para 16,2%. Ainda que o número absoluto de alunos venha aumentando, segundo o Ministério da Educação, dados de evasão como esses criam um senso de urgência que se sobrepõe a tudo. "Chama a atenção a dificuldade de enfrentamento da crise do ensino médio", resume o estudo. "A despeito das



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

reformas, os resultados das avaliações nacionais continuam surpreendendo negativamente os responsáveis pela condução da política educacional brasileira”, conclui.

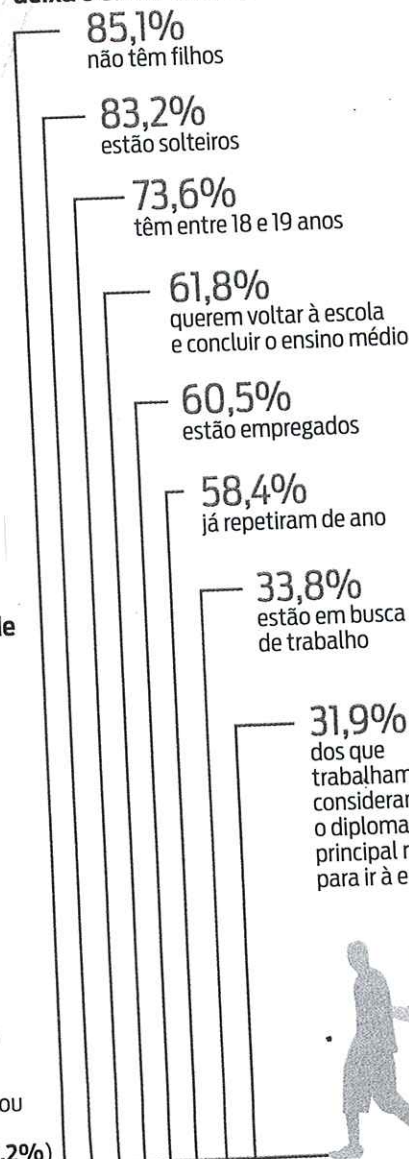
A evasão, nesse contexto, é menos causa que consequência dessa crise. Ela é a parte visível de um conjunto de problemas conhecidos há décadas, mas sobre os quais nenhum governo tem feito o suficiente. “A crise é inquestionável e não podemos mais

adiar o enfrentamento de um problema tão grave”, diz Maria de Saete Silva, coordenadora do programa de educação do Fundo das Nações Unidas para a Infância, no Brasil (Unicef). “O ensino médio é o maior desafio da educação do País.” Currículo inchado, com disciplinas demais para tempo de menos, ausência de um programa de ensino técnico integrado a essa etapa escolar, baixa remuneração dos professores e, fundamentalmente, inadequação do ensino médio à vida, às expectativas e às necessidades dos jovens compõem o retrato das dificuldades. “Esperar cinco anos para agir é condenar uma geração que hoje tem entre 15 e 17 anos a não ter perspectivas de futuro”, resume Maria Saete.

O paulistano Mateus Oliveira, hoje com 19 anos, sabe bem quanto abrir mão da educação nessa fase crucial limita as perspectivas de futuro. Quando tinha 17 anos e cursava pela segunda vez o primeiro ano do ensino médio, ele resolveu largar a escola para tentar a carreira de jogador de futebol. “Era um sonho que já tinha

O ABANDONO DA ESCOLA

Perfil do jovem que deixa o ensino médio



GARGALO EDUCACIONAL

Dos dez milhões de brasileiros com idade entre 15 e 17 anos, apenas metade está matriculada no ensino médio



Cerca de **3,1 milhões**, ou **29,5%**, desses jovens estão retidos no ensino fundamental



Por volta de **1,7 milhão** de jovens, ou **16,3%**, abandonaram a escola, dos quais **61,7%** nem trabalham nem estudam



Apenas **659 mil**, ou **6,2%**, dos que deixaram a escola trabalham



Entre **1999 e 2011**, mais que dobrou a proporção dos que largaram o ensino médio (de **7,4%** para **16,2%**)

Justificativas comuns para a desistência

- Para ajudar a família / problemas familiares
- Problemas com professores / falta dos professores
- Preguiça / cansaço
- Por causa do trabalho
- Não gostava
- Gravidez
- Para seguir carreira artística

Fontes: “Ia Análise - Os jovens e o gargalo do ensino médio brasileiro”, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), 2013; “Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)”, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2011. “O que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola”, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento e Fundação Victor Civita, 2012



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Comportamento

me custado a sétima série, que também repeti”, diz. Confiante no talento com a bola, ele insistiu, mas menos de um ano depois percebeu que o caminho não renderia frutos. Com 18 anos e sem o ensino médio concluído, matriculou-se no programa de educação de jovens e adultos, onde um ano de ensino pode ser cumprido em seis meses, e rumou para a carreira militar. Atrasado, finalmente conseguiu concluir o ensino médio esse ano, mas viu e ainda vê oportunidades lhe escaparem por causa da formação atrasada. “Já era para eu ter concluído o curso técnico que acabei de começar, em informática”, diz. Com a capacitação, ele poderia estar ganhando mais no Exército – onde ainda recebe um salário de base, além de não ter segurança de carreira – ou trabalhando como técnico em informática em uma empresa da área. “Me arrependo das decisões que tomei”, diz.

Tratar o caso de Oliveira como o de um garoto perdido que simplesmente preferia jogar bola a estudar é, além de reforçar preconceitos, desperdiçar uma grande oportunidade de entender de onde vem o gigantesco desinteresse do jovem pela escola. Afinal, Oliveira não deixou o estudo só porque o futebol o atraía, mas também porque o colégio não parecia relevante o suficiente para ele. E não são poucas as razões que fazem da escola algo sem importância aos alunos, como mostra a pesquisa do Seade.

O currículo é um dos maiores problemas. Reformado em 1998 e 2012, mas ainda inchado por 13 disciplinas obrigatórias, além de cinco complementares a serem ministradas

PROVEDOR Hudson Silva, 22 anos, saiu da escola para poder trabalhar e ajudar em casa



ARREPENDIMENTO
A evasão é grande, mas a maioria pensa em voltar à escola

em conjunto com as demais, ele tem sido considerado excessivamente extenso para os três anos de ensino médio. **Recentemente, ganhou força a ideia de dividir as disciplinas em grandes áreas de interesse. Trata-se de uma contribuição vinda do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)**, que surgiu com a única função de avaliar essa etapa educacional, mas que hoje acumula a tarefa de selecionar alunos para universidades federais do País. A proposta é reunir, como acontece no Enem, biologia, física e química sob o guarda-chuva das ciências da natureza; história, geografia, filosofia e sociologia, sob ciências humanas, e assim por diante. “Mas o projeto é de difícil implantação, exige forte interdisciplinariedade, o que não se faz de



VIDA ESCOLAR

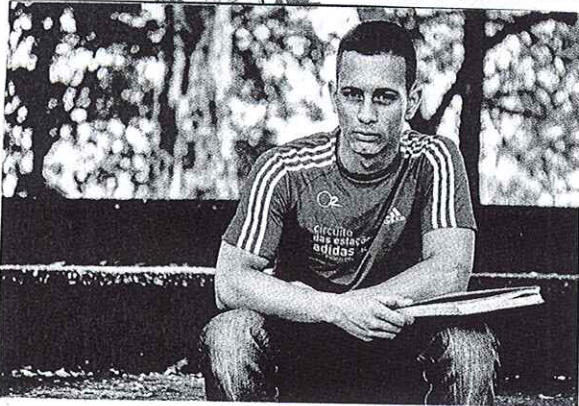
Apesar da alta na evasão, os jovens mantêm uma percepção positiva da escola e dos professores

uma hora para outra”, diz Luis Márcio Barbosa, diretor-geral do Colégio Equipe, em São Paulo.

Além das questões práticas, como o volume de disciplinas e o tempo disponível para cumpri-las, uma preocupação mais subjetiva com o currículo, mas não menos importante, tem ganhado cada vez mais espaço. Trata-se da distância abissal entre o conteúdo das disciplinas apresentado aos jovens e a realidade da vida que eles levam. “A escola continua muito tradicional, engessada diante da vida mutante do adolescente contemporâneo”, afirma o educador Barbosa. A chamada “integração do currículo às tecnologias educacionais”, meta no relatório do Seade, é um dos maiores gargalos. Hoje, segundo pesquisa do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), 84,4% dos brasileiros com idade entre 15 e 19 anos usam a internet para estudar. Outros 25,9% recorrem a tablets e celulares. Enquanto isso, poucas escolas no País fazem uma integração real de conteúdo e tecnologia, embo-



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO



SONHO FRUSTRADO
Mateus Oliveira, 21 anos, abandonou o ensino médio aos 17 anos para tentar ser jogador de futebol. Não deu certo e agora ele quer se tornar técnico em informática

ra 73,8% delas já contem com computador e internet. Este descompasso entre expectativas dos alunos e entrega da escola é forte gerador de desinteresse, mas não é o único.

A ausência de uma articulação mais eficiente entre ensino profissional e ensino médio também é tida como uma das razões para a evasão

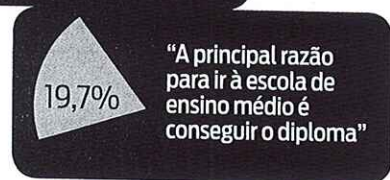
nesta fase. Reconhecer que nem todos, ao completar 18 anos, vão rumar para a universidade e oferecer a alternativa do aprendizado técnico durante o ensino médio pode ser um caminho para manter alunos na escola. Se essa opção estivesse disponível para o paulistano Hudson Laton da Silva, hoje com 21 anos, ele provavelmente

teria terminado a educação básica. Morador da Brasília, na zona norte de São Paulo, Silva saiu do

colégio para se dedicar integralmente ao trabalho quando cursava o primeiro ano do ensino médio. “Tinha que ajudar em casa”, conta. Ele trabalha como mecânico e, se um curso técnico nessa área tivesse sido oferecido na escola onde ele estudava, o jovem teria uma razão a mais para continuar frequentando a instituição. Hoje ele corre atrás do prejuízo. Mesmo empregado – ele é funcionário de uma grande concessionária na capital paulista –, Silva pretende fazer um supletivo e finalmente terminar o ensino médio. “Vou ser sincero: vontade de voltar a estudar eu não tenho, mas sei que é importante, então quero fazer o supletivo”, diz.

Boa parte dos que deixam de estudar pensa como ele e fala em retornar. Segundo dados da pesquisa do Cebrap, 61,8% dos jovens que abandonaram a escola nessa fase querem voltar para concluir o ensino médio, independentemente da razão que motivou a evasão. **“Algumas decisões são tomadas de maneira impulsiva porque o adolescente já tem alguma autonomia, mas tem dificuldade para pensar a longo prazo”**, diz Maria Cristina Figueiredo, coordenadora do Colégio Brasil Canadá, para quem, na adolescência, tudo é mais interessante que estudar. “Mas eles pensam no que fazem, refletem e costumam se arrepender quando veem que fizeram besteira.” Cabe à escola e aos pais dar subsídios ao aluno para que ele consiga administrar os impulsos da idade. Nem sempre, porém, é possível. A paranaense Andreia Tawlak, hoje com 21 anos, conhece, como poucos, as consequências da entrega às paixões adolescentes.

Dona de um histórico escolar conturbado – ela havia repetido a sétima série e cursava pela segunda vez o



O PROFESSOR





SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Comportamento

primeiro ano do ensino médio –, Andrea surpreendeu a todos quando, aos 17 anos, anunciou que estava de mudança para Balneário Camboriú, em Santa Catarina. Apaixonada pelo primeiro namorado, de 23 anos, ela diz ter sido convencida por ele a largar tudo e acompanhá-lo. “Foi coisa de idiota”, admite, hoje. O relacionamento durou um ano e meio, Andrea teve de retornar para Foz do

CURRÍCULO INCHADO

São 13 as disciplinas obrigatórias, além de conteúdos complementares obrigatórios a serem ministrados durante as aulas

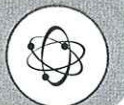
LINGUAGENS

1. Língua portuguesa
2. Língua materna, para populações indígenas
3. Língua estrangeira moderna, definida pela comunidade escolar
4. Artes cênicas, plásticas e musicais
5. Educação física
6. Matemática



CIÊNCIAS DA NATUREZA

7. Biologia
8. Física
9. Química



CIÊNCIAS HUMANAS

10. História
11. Geografia
12. Filosofia
13. Sociologia



Conteúdos complementares

1. Educação alimentar e nutricional
2. Respeito e valorização do idoso
3. Educação ambiental
4. Educação para o trânsito
5. Educação em direitos humanos
6. Língua espanhola (oferta obrigatória pelas escolas, mas facultativa para o estudante)

Cada escola ainda pode definir quais outras disciplinas deseja incluir em seu currículo



FASE Maria Cristina Figueiredo, coordenadora do Colégio Brasil Canadá: “Na adolescência, tudo é mais interessante que estudar”, diz ela

Iguaçu, onde morava, e hoje está às voltas com um supletivo que não consegue terminar enquanto sonha com cursos de design e um emprego na área. “Os amigos do tempo de escola que continuaram estudando estão todos trabalhando. E eu? O que estou fazendo?”, questiona.

Embora muitos especialistas defendam que, mesmo em casos como o de Andrea, a escola tem responsabilidade por não ter mostrado à aluna a importância de permanecer em sala de aula, há visões contrárias a esta tese. A diretora do Sindicato dos Professores de São Paulo (Sinpro-SP), Silvia Barbara, afirma que “jovens adultos” com seus 16, 17 anos devem assumir suas obrigações. “Nas

análises dos problemas na educação, a escola e os professores são sempre os mais criticados e pouca ou nenhuma responsabilidade é legada ao adolescente e à família”, diz. Silvia diz ainda que a cruzada em favor de uma escola que privilegie ser agradável aos alunos antes de se preocupar em passar a eles o conhecimento acumulado da humanidade pode ter efeitos nocivos. “Vivemos em uma sociedade que valoriza demais o prazer e criminaliza demais o trabalho. E estudar sempre dará trabalho”, afirma.

Quando um jovem abandona a escola, perdem todos. A exclusão pela educação cria um abismo social e inibe o surgimento de um cidadão com uma participação social mais efetiva. Perde também o Brasil. “O País deixa de ter um profissional de nível médio com formação geral e um potencial profissional de nível técnico pós-médio ou de nível superior, com formação específica”, alerta Priscilla Tavares, professora e pesquisadora da Escola de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV) em São Paulo. “As consequências do abandono no ensino são severas para o crescimento econômico.” Já passou da hora de enfrentarmos esse desafio. ■

ENSINO MÉDIO REGULAR (EMR)

3 anos, com carga horária total de **2,4 mil horas de aula - 800 horas de aula por ano** divididas em **200 dias letivos**

ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS (EJA)

1,2 mil horas de aula com organização curricular própria para alunos que trabalham

ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

3,2 mil horas de aula para o EMR; 1,2 mil horas para alunos do EJA